

# **INCIDÊNCIA DE AUTOMEDICAÇÃO EM CÃES E GATOS ATENDIDOS NO HOSPITAL VETERINÁRIO DA PUCRS DE JULHO DE 2007 A JUNHO DE 2008**

MELLO, F. P. S.<sup>1</sup>; GAIRA, M. S.<sup>1\*</sup>; KLEIN, N.<sup>1</sup>; DALMOLIN, F.<sup>1</sup>; PINTO FILHO, S. T. L.<sup>1</sup>

Palavras-chave: automedicação, intoxicação, reações adversas, antiinflamatórios, antibióticos, gastrite, cães, gatos

## **Introdução**

A automedicação é um procedimento caracterizado pela iniciativa de um doente ou responsável de utilizar um produto que acredita trazer benefícios no tratamento de doenças ou alívio de sintomas (ARRAIS et al., 1997). No caso de um cão ou gato, a automedicação é realizada por seus proprietários sem prescrição veterinária. Assim como ocorre em humanos, pode ser um ato extremamente danoso, pois pode mascarar ou impedir o diagnóstico correto de uma doença grave, podendo afetar negativamente em qualquer processo patológico; pode ainda provocar interações medicamentosas, efeitos secundários e riscos inaceitáveis do ponto de vista terapêutico (SILVA et al., 2005). De acordo com dados da OMS, os hospitais gastam de 15% a 20% de seus orçamentos para lidar com as complicações causadas pelo mau uso de medicamentos (LEITE et al., 2008). Já, segundo a Associação Brasileira de Indústrias Farmacêuticas, todo ano morrem cerca de 20 mil pessoas no país, vítimas da automedicação (CASTRO et al., 2006).

Dados sobre automedicação em animais são escassos. Desta forma, o objetivo do presente trabalho é avaliar a sua incidência em cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário da PUCRS cujos proprietários tenham realizado automedicação antes do atendimento clínico, bem como realizar um perfil dos tipos de medicamentos mais comumente empregados e o número de reações adversas e intoxicações devido suas utilizações.

## **Materiais e métodos**

Foram analisadas 931 fichas de cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário da PUCRS, do período entre julho de 2007 e junho de 2008. Destas, foram selecionadas aquelas que descreviam a utilização de automedicação, e adquiridas às informações referentes à: espécie, idade, sexo, droga utilizada e casos de intoxicação e reação adversa.

## **Resultados e discussão**

Dentre as 931 fichas avaliadas, 328 tratavam-se de casos de automedicação, ou seja, 35% dos animais atendidos neste período haviam sido medicados por seus proprietários, sem a prévia avaliação e orientação de um médico veterinário.

A idade dos animais variou de 45 dias e 16 anos.

As classes de medicamentos orais mais comumente observados foram os antiinflamatórios (33%) seguidos dos antibióticos (18%), hormônios (9%), e suplementos minerais e vitamínicos (5%), conforme pode ser observado na Tabela I.

---

<sup>1</sup> BR 472, km 7 - Uruguaiana, RS. Pontifícia Universidade Católica – Campus II

**Tabela 1** - Classes de medicamentos orais mais utilizados por proprietários de animais, através de automedicação em cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário da PUCRS no período de julho de 2007 a junho de 2008. Foram separados os antibióticos e antiinflamatórios conforme o conhecimento ou não do nome dos medicamentos.

<b>Medicação</b>	<b>Número de cães</b>	<b>Número de gatos</b>	<b>Número total</b>
Antiinflamatório não esteróide	49	1	50
Antiinflamatório esteróide	48	1	49
Antiinflamatório indefinido	7	3	10
<b>Nº total de animais</b>	<b>104</b>	<b>5</b>	<b>109</b>
Antibiótico conhecido pelo proprietário	37	4	41
Antibiótico indefinido	13	6	19
<b>Nº total de animais</b>	<b>50</b>	<b>10</b>	<b>60</b>
<b>Hormônio (progestágeno)</b>	<b>26</b>	<b>6</b>	<b>31</b>
<b>Suplemento mineral/vitamínico</b>	<b>12</b>	<b>4</b>	<b>16</b>

Dentre os antiinflamatórios não esteróides orais, os mais comumente utilizados foram o diclofenaco (30%), cetoprofeno (22%) e ácido acetil salicílico (14%). Já entre os esteróides, a dexametazona foi o mais utilizado (18%). Essa maior utilização de antiinflamatórios, em comparação às demais classes de medicamentos reflete o que é observado na automedicação humana, cujo consumo sem prescrição médica é comumente observado tanto no Brasil, quanto em outros países (ARRAIS et al., 1997).

Os antibióticos orais mais utilizados, dentre os quais se sabia o princípio ativo, foram sulfa-trimetoprim (58%) e amoxicilina (17%). A importância dessa utilização indiscriminada de antibióticos reside na expansão da resistência bacteriana (MENEZES et al., 2004), dificultando futuros tratamentos com esses antibióticos.

Foram atendidas neste período, 23 cadelas e gatas cujos proprietários relatavam terem usado progestágenos para evitar que as mesmas entrassem no cio. Sabendo-se que a utilização de progestágenos pode se associar ao desenvolvimento de tumores mamários e de hiperplasia endometrial cística (HEDLUND, 2005), não é de se estranhar que 26% apresentavam piometra e 56%, tumor de mama. Acreditamos que este elevado número de efeitos colaterais, associados aos progestágenos, possa ser em decorrência do questionamento quanto a sua utilização somente ter sido realizada quando a

anamnese e o exame clínico levavam à suspeita de anormalidade do trato reprodutivo e a possibilidade de omissão deste dado, por parte do proprietário, quando questionado quanto aos medicamentos utilizados, em decorrência da não utilização dos mesmos recentemente.

A utilização de suplementos alimentares incluiu vitaminas (principalmente as que envolviam complexo B) e minerais (cálcio).

Os medicamentos de uso dermatológico/tópico mais utilizados foram os antibióticos (18%), associações contendo antibióticos e antiinflamatórios (21%) e outros produtos (61%). Dentre estes últimos, incluíram-se a utilização de produtos tóxicos como óleo queimado e outros contendo fenóis e cresóis, e produtos que são facilmente tóxicos se diluídos em concentrações inadequadas, tais como a deltametrina e o amitraz, os quais, inclusive, foram causas de intoxicação de dois cães atendidos neste período. Em 7 casos, os proprietários não sabiam informar o medicamento que estava sendo utilizado na pele e/ou pêlo do animal.

Os proprietários que utilizaram colírio e/ou pomada oftálmica foram 12 no total, todos em caninos. Destes, 67% não souberam informar qual produto havia sido utilizado, e um dos que sabia, estava utilizando um colírio contra-indicado para o problema (à base de hidrocortisona em um caso de úlcera de córnea) (STADES et al., 1999)

Conforme relatado anteriormente, 32% dos proprietários relatavam que estavam dando algum antibiótico oral, porém não sabiam informar o nome; isso foi também observado em 67% dos produtos oftálmicos e 9% dos antiinflamatórios orais.

A classe de medicamento onde se observou mais efeitos adversos e intoxicações foi a dos antiinflamatórios não esteróides. Sabe-se que estes medicamentos têm como efeitos colaterais lesões gástricas e renais (TASAKA, 1996). Estes foram responsáveis por 10 casos de gastrite e 4 de insuficiência renal. Deve-se lembrar que os efeitos adversos podem ficar mascarados, enquanto outros podem se confundir com a doença que motivou o consumo e agravar e/ou criar novos problemas (SÁ et al., 2007). Como foram considerados apenas os casos em que, através da análise do histórico do animal e exame clínico puderam-se identificar esses produtos como causas dos quadros observados, o número de reações adversas provavelmente é ainda maior, porém de difícil mensuração.

## **Conclusão**

Vemos a necessidade de orientação destes proprietários visando a compreensão da necessidade de guardar e relatar ao médico veterinário o produto e a dose de qualquer medicamento utilizado em seu animal, seja ele por automedicação, para assim conseguirmos avaliar o animal de maneira mais adequada, tendo em mente a possibilidade de intoxicação, reação adversa e/ou agravo do quadro clínico esperado.

Desta forma, observa-se a importância da conscientização da população sobre os perigos associados à utilização de automedicação, não somente em si mesmos, mas também com relação aos animais de companhia, evitando-se assim, gastos supérfluos, criação de resistência bacteriana, atraso no diagnóstico e terapêutica adequados, reações adversas e quadros de intoxicação.

## Referências

ARRAIS, S. D., COELHO, H. L. L.; BATISTA, M. C. D. S.; et al. Perfil da automedicação no Brasil. **Revista de saúde pública**, v. 31, n. 1, 1997. capturado em 2/8/08. [www.escolacit.rs.gov.br/links/links.html](http://www.escolacit.rs.gov.br/links/links.html)

CASTRO, H. C.; AGUIAR, M. L. P.; GERALDI, R. B.; et al. Automedicação: entendemos o risco? **Infarma**, v.18, n. 9/10, 2006. p. 17-20.

HEDLUND, C. S. Cirurgia dos sistemas reprodutivo e genital. In: FOSSUM, T. W. **Cirurgia de pequenos animais**. São Paulo: Roca, 2005. p. 610-672.

LEITE, S. N.; VIEIRA, M.; VEBER, A. P. Estudos de utilização de medicamentos: uma síntese de artigos publicados no Brasil e América Latina. **Ciência saúde coletiva**, v.13, supl, 2008. Capturado em 01/08/08. [www.scielo.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413812332008000700029&lng=pt](http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413812332008000700029&lng=pt).

MENEZES, E A; OLIVEIRA, M. S.; CUNHA, F. A.; PINHEIRO, F. G.; BEZERRA, B. P. Automedicação com antimicrobianos para o tratamento de infecção urinária em estabelecimento farmacêutico de Fortaleza (CE). **Infarma**, v.16, n.11-12, 2004. p.56-59.

TASAKA, A. C. Antiinflamatórios não-esteroidais. In: SPINOSA, H. S.; GORNIK, S. L. & BERNARDI, M. M. **Farmacologia aplicada à medicina veterinária**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1996. p.195-297.

SÁ, M. B.; BARROS, J. A. C. & SÁ, M. P. B. O. Automedicação em idosos na cidade de Salgueiro – PE. **Revista brasileira de epidemiologia**, v.10, n.1, 2007. p. 75-85.

SILVA, G. M. S.; ALMEIDA, A. C.; MELLO, N. R. S.; et al. Análise de automedicação no município de Vassouras – RJ. **Infarma**, v.17, n.5/6, 2005. p. 59-62.

STADES, F. C.; BOEVÉ, M. H. NEWMANN, W.; et al. Diagnósticos e terapêuticas para doenças oculares. In: \_\_\_\_\_. **Fundamentos de oftalmologia veterinária**. São Paulo: Manole, 1999. p. 22-29.